

Corporificação, comunicação transgressora e corpos trans: reflexões sobre a sensorialidade nos estudos para paz e sua relação com as imagens audiovisuais

Embodiment, transgressive communication and trans bodies: reflections on sensoriality in peace studies and its relationship with audiovisual images

Encarnación, comunicación transgresiva y cuerpos trans: reflexiones sobre la sensorialidad en los estudios de paz y su relación con las imágenes audiovisuales

Vitória Garcia Galhardo

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP
<vitoria.galhardo@unesp.br>

RESUMO

Diante das audiovisualidades contemporâneas, na perspectiva dos estudos epistemológicos do audiovisual e dos estudos para a paz, temos que os contextos narrativos são responsáveis por tencionar estados de afetação no espectador, assim como construir imaginários coletivos onde comunidades marginalizadas possam ser vistas com empatia e afeição. Tal como visto nos estudos do cinema de Laura U. Marks (2000), Jennifer Baker (2009) e Vivian Sobchack (2004), relaciono as imagens das produções audiovisuais de *Lado Selvagem* (2004) e *Veneno* (2020), para demonstrar as potencialidades sensoriais e suas produções de sentido, através da imagem sensível e transgressora para discutir os efeitos em sociedade. Essa reflexão, focalizou-se, em aproximar os estudos do sensível às teorias dos estudos para a paz com

ABSTRACT

In view of contemporary audiovisualities, from the perspective of audiovisual epistemological studies and peace studies, we recognize that narrative contexts are responsible for intending states of affect in the viewer, as well as building collective imaginaries where marginalized communities can be seen with empathy and affection. As seen in the cinema studies of Laura U. Marks (2000), Jennifer Baker (2009) and Vivian Sobchack (2004), I relate images from the audiovisual productions of *Wild Side* (2004) and *Veneno* (2020), to demonstrate the potential sensorial and their production of meaning, through the sensitive and transgressive image to discuss the effects on society. This reflection was focused on bringing the studies of the sensitive to the theories of peace studies with the

RESUMEN

Frente a las audiovisualidades contemporâneas, desde la perspectiva de los estudios epistemológicos audiovisuales y los estudios de paz, entendemos que los contextos narrativos son responsables de intentar estados de afecto en el espectador, así como de construir imaginarios colectivos donde las comunidades marginadas puedan ser vistas con empatía y afecto. Como se ve en los estudios de cine de Laura U. Marks (2000), Jennifer Baker (2009) y Vivian Sobchack (2004), relaciono imágenes de las producciones audiovisuales de *Wild Side* (2004) y *Veneno* (2020), para demostrar el potencial sensoriales y su producción de significado, a través de la imagen sensible y transgressora para discutir los efectos en la sociedad. Esta reflexión se centró en acercar los estudios de sensibilidad a las teorías de los estudios de paz con

a intenção de demonstrar a sensorialidade como elemento constituinte nos processos de entendimento de paz, e também, refletir sobre como o conceito de “comunicação transgressora”, discutido pelas autoras Manuela Mesa et al. (2013) e Eloísa Nos Aldás (2019), podem ser responsáveis por trilhar novos caminhos nos estudos de mídia e paz, visando atenuar tais violências culturais. Dessa forma, ao observar as imagens do *corpus* em conjunto utilizando tipologias trabalhadas pelas autoras, e tendo em consideração a ideia do sensível e transgressor, temos uma dimensão efetiva para se apresentar realidades de comunidades subalternas e marginalizadas, como, nesse caso, a dos corpos travestis e transexuais em nossa sociedade.

Palavras-chave: Estudos de paz. Sensorialidade. Comunicação transgressora. Audiovisual. Transexualidade.

intention of demonstrating sensoriality as a constituent element in the processes of understanding peace, and also, reflecting on how the concept of “transgressive communication”, discussed by authors Manuela Mesa et al. (2013) and Eloísa Nos Aldás (2019), may be responsible for paving new paths in media and peace studies, aiming to mitigate such cultural violence. Thus, when we observe the images from the corpus together using typologies worked by the authors, and taking into account the idea of the sensitive and transgressive, we have an effective dimension to present the realities of subaltern and marginalized communities, such as, in this case, that of queer bodies and transgender people in our society.

Keywords: Peace studies. Sensoriality. Transgressive communication. Audiovisual. Transsexuality.

la intención de demostrar la sensorialidad como elemento constitutivo en los procesos de comprensión de la paz, y también reflexionar sobre cómo el concepto de “comunicación transgresiva”, discutido por los autores Manuela Mesa et al. (2013) y Eloísa Nos Aldás (2019), pueden ser responsables de allanar nuevos caminos en los estudios de medios y de paz, con el objetivo de mitigar la violencia cultural. De esta manera, al observar las imágenes del corpus en conjunto utilizando tipologías trabajadas por los autores, y teniendo en cuenta la idea de lo sensible y transgresor, tenemos una dimensión efectiva para presentar las realidades de comunidades subalternas y marginadas, como, en este caso, el de los cuerpos travestis y transexuales en nuestra sociedad.

Palabras clave: Estudios de paz. Sensorialidad. Comunicación transgresiva. Audiovisual. Transexualidad.

Introdução

Sabemos que os estudos pela paz e a diminuição da violência possuem diversas camadas de debate, dentre as mais diversas, todas buscam por uma sociedade mais igualitária que preserve a existência e o direito do ser humano – assim como do meio-ambiente. Discutir a comunicação transgressora e a sensorialidade é o objetivo deste trabalho para expandir as capacidades ao pensar nos estudos para a paz, refletir sobre os processos de conscientização e os efeitos das violências que reverberam e contaminam nossa sociedade. Pois é através dela que o ódio e a intolerância crescem, fazendo com que comunidades marginalizadas sofram por meio de uma estrutura firmada em uma cultura violenta.

O objetivo deste trabalho é explorar o conceito de “comunicação transgressora” e os processos de afetação sensorial na experiência audiovisual como reflexões que estendem as discussões sobre os estudos para paz e colocam a transgressão, aqui, através da imagem cinematográfica, como modo de denúncia e indignação social. Assim como, as sensorialidades do espectador, que operam como mediações para que os processos de identificação e ressignificação de corpos trans, marginalizados, possam ser repensados e reconfigurados por meio da sensibilidade, ocasionando uma não violência ou na diminuição dela.

Em seu livro clássico, *Diante da dor dos outros*, Susan Sontag (2003), explora as imagens da guerra para expor a violência cultural e seus males, responsáveis por afetar todas

as camadas da nossa sociedade. Nessa exploração, a autora alude, “o relato das crueldades da guerra é construído como um ataque à sensibilidade do espectador” (Sontag, 2003, p. 41). Através dessa dimensão e pensando em corpos marginalizados, também expostos à violência de uma guerra moral e cultural, poderiam as imagens sensíveis, as nuances imagéticas transgressoras, diante das sensorialidades do espectador, agir, não como um ataque, mas como potencialidades transformadoras para paz e uma cultura mais igualitária e sensível?

Para explorar essas potencialidades, elencamos duas obras audiovisuais responsáveis por ilustrar como as representações dos corpos trans estão enquadradas no contexto de arte audiovisual e como tais vivências são expostas nas imagens, e também, compreender suas nuances de crueldade: o filme *Lado Selvagem* (2004), dirigido por Sébastien Lifshitz e *Veneno* (2020), minissérie criada por Javier Ambrossi e Javier Calvo.

Essas obras audiovisuais ilustram o sofrimento e as violências vivenciados por pessoas transexuais em diferentes contextos culturais e demonstram como esses corpos estão inseridos em uma esfera de violência intercultural¹. Tendo em vista as considerações de Paulo Ceccarelli (2017), que entende que os discursos que transpassam a transexualidade são sócio-históricos e estão relacionados a cultura e nem sempre podem reforçar estereótipos e verdades dos sujeitos trans, muitas dessas condições foram criadas pela própria sociedade e seus contextos sociais. Ele alude, “os processos identificatórios que nos constituem são inseparáveis da organização simbólica da cultura. Além disso, testemunham as inúmeras possibilidades de subjetivação” (Ceccarelli, 2017, p. 88).

Ambas obras audiovisuais ilustram e apresentam as protagonistas, mulheres transexuais, em diferentes contextos, mas dos quais podemos destacar, entre uma vida marginalizada e suas relações com a família e sociedade. Embora *La Veneno*² acaba por se transformar uma figura pública na Espanha, podemos acompanhar retratos similares aos vividos por Stéphanie (Stéphanie Michelini), cidadã francesa, em *Wild Side* (2004). E, ainda que a vivência marginal e violenta seja apresentada durante os percursos narrativos denunciando as violências vivenciadas por essas mulheres, podemos destacar outros elementos e matices que comunicam a representação da vida dessas mulheres. Entre elas, reprodução de coletividade, afeto entre a comunidade trans, a não violência apresentada em suas cotidianidades. Vivências que representam ações sensíveis, além do poder e força de mudança ao performar importantes papéis na sociedade.

Metodologicamente, constituiremos paralelos entre os autores dos estudos para paz, sensorialidade e antropologia, para discutir as imagens das obras audiovisuais e entender como a comunicação transgressora e as sensorialidades podem operar como fatores de justiça social e indignação: promovendo ações sociais dos espectadores ou constituindo novos imaginários culturais.

1 A interculturalidade refere-se a uma importância que transpassa todas as nações. O cinema intercultural é responsável por construir novos imaginários e representações para que todas as comunidades possam enxergar tais realidades em conjunto, como, por exemplo, grupos sociais marginalizados e estigmatizados em nossa sociedade (Santos; Medeiros, 2018).

2 A personagem é interpretada por várias atrizes e atores dentro da narrativa, sendo elas: Isabel Torres, Daniela Santiago, Jedet, Marcos Sotkovski, Guille Márquez e Cristina Beudaded.

Em um primeiro momento, exploramos o conceito de “comunicação transgressora/transgressiva” mediante uma perspectiva feminista, nos trabalhos por Manuela Mesa et al. (2013) e Eloísa Nos-Aldás (2019). Esse conceito permite explorar um novo eixo da comunicação para a paz e pensar como algumas imagens transgressoras expostas em obras audiovisuais, assim como em outros meios de comunicação, são responsáveis por demonstrar, através de uma abordagem política, denúncias de desigualdades sociais e criação de novas ressonâncias culturais (Nos-Aldás, 2019). Ambas são pilares que operam como uma alternativa, por meio de uma comunicação transgressora, de ocasionar uma sensibilidade ética no espectador, sendo que as reproduções de violência na imagem podem tomar rumos mais afetivos e igualitários – ou seja, construir novos imaginários sociais.

Os valores inclusivos são responsáveis por demonstrar a relação de percepção que temos em relação aos outros, é fortalecido pelos afetos, pelo empoderamento e a consciência do coletivo.

Posteriormente, analisaremos algumas cenas das obras audiovisuais para propor reflexões através das discussões sobre sensorialidade no estudo feminista para a paz das autoras Laura Mcleod e Maria O'Reilly (2019). Assim como, as considerações de David Le Breton (2021), sobre como o sensível é responsável por definir e moldar as dinâmicas sociais e culturais. E assim, abordaremos as noções sensórias através das discussões nos estudos de cinema propostas por Laura U. Marks (2000), Jennifer Baker (2009) e Vivian Sobchack (2004) e como as sensibilidades são responsáveis por ocasionar transformações sociais perante a relação do sujeito com a imagem e sua relação com o mundo.

Em um terceiro momento, expressamos como a sensorialidade e a cultura formam um pilar para produzir processos de identificação e reconstituir imaginários, através, das discussões sobre afetividade e sentimento realizados pelas autoras dos estudos para a paz, Manuela Mesa et al. (2013) e Eloísa Nos Aldás (2019) e, a estudiosa do cinema, Vivian Sobchack (2004). À vista disso, visamos demonstrar a importância da comunicação transgressora e da sensorialidade na experiência audiovisual e cinematográfica como indicador importante para as análises das imagens audiovisuais dentro do escopo dos estudos para paz contemporâneos.

Comunicação transgressora: denúncia através das imagens

Os estudos para paz propiciam vários chaveamentos de pensamento sobre estratégias para a diminuição da violência. Pensar na transgressão como uma estratégia de paz é um artifício que opera de maneira diferente de outras abordagens. Essa é uma perspectiva que proporciona um aspecto particular quando estamos pensando nos produtos de arte e mídia, isso porque é através da imagem e dos recursos audiovisuais que esses contextos podem ser trabalhados favoravelmente à paz.

Porém, a transgressão não se limita ao cinema, ao audiovisual e a outros recursos imagéticos. Atos políticos como ações performáticas e a *performance* podem utilizar de tais recursos para expressar, através dos interditos, indignação e resistência: que apesar do transgressor se focalizam na paz. No estudo de perspectiva feminista para a paz, *Visibles y Transgresoras: Narrativas y propuestas visuales para la paz y la igualdad*, Manuela Mesa et al. (2013) entendem que o processo comunicacional da busca pela paz transpassa uma camada transgressora, principalmente quando se relaciona aos estudos sobre a mulher e suas representações, porque a transgressão, aqui, opera como modos de causar indignação (Mesa et al., 2013).

Ao olhar para os processos de indignação, percebemos que a transgressão também opera dentro de várias perspectivas que contribuem e fortalecem os estudos de paz. Mesa et al. (2013) destacam que “a transgressão é uma experiência complexa, uma plataforma política e filosófica na qual se posicionam as pessoas que não estão afiliadas à ordem dominante” (Mesa et al., 2013, p. 45, tradução própria³). Para isso, há três recursos criados pela autora que possibilitam o entendimento desses processos e dessa abordagem comunicacional para a paz: valores inclusivos, valores universais e valores emancipatórios.

Os valores inclusivos são responsáveis por demonstrar a relação de percepção que temos em relação aos outros, são fortalecido pelos afetos, pelo empoderamento e a consciência do coletivo. No caso dos valores universais, temos a luta pela equidade e a luta por comunidades excluídas ou marginalizadas na sociedade, movidas pela “diversidade e pluralismo”, e alimentadas pela busca da paz universal. Os valores emancipatórios estão enquadrados às noções de liberdade e autonomia, por isso relacionam-se a uma característica transgressora. Através da prática de ações ligadas à liberdade, visam à ruptura de ideias institucionalizadas e constituem ideias radicais em que ações de autonomia, perseverança e rebeldia operam como um modo de ressignificar valores instituídos em nossa sociedade, proporcionando a luta contra as ideias separatistas que geram violências sociais e culturais (Mesa et al., 2013).

Essa teoria é revisitada por Eloísa Nos Aldás (2019), no estudo *Comunicación transgresora de cambio social*. Embora possua um trabalho voltado às imagens publicitárias, é de grande relevância aos estudos audiovisuais, isso porque é através das noções imagéticas que são discutidos os processos comunicacionais para as mudanças culturais e sociais para a paz. Para Eloísa Nos-Aldás (2019), o produtor de conteúdo visual é um condutor que, através de uma sensibilidade política, autônoma e discursiva, pode criar novas narrativas que priorizem e fortaleçam os estudos para a paz. Ao pensar a comunicação transgressora, a autora define um objetivo, que, em suas palavras, é “mudar as narrativas e tornar visíveis propostas, grupos e práticas mais sustentáveis, humanas e justas, invisibilizadas pelas histórias de poder incompreendido” (Nos-Aldás, 2019, p. 96, tradução nossa⁴).

3 Texto original: “La transgresión es una experiencia compleja, una plataforma política y filosófica en la que se sitúan las personas que no están afiliadas al orden dominante”.

4 Texto original: “cambiar las narrativas y visibilizar propuestas, colectivos y prácticas más sostenibles, humanas y justas invisibilizadas por los relatos del poder malentendido”.

Eloísa Nos Aldás (2019) reforça o papel da indignação como protagonista nas relações de justiça social, visto que a indignação é responsável por afetar o que ela chama de emoções morais do sujeito, um sentimento que, embora não culpável, passa pelas noções de responsabilidade social. Essas emoções morais são movidas pela indignação e possuem o efeito de ocasionar ações reais em busca de ações de transformação que visam à justiça social e possuem um diálogo com a comunicação transgressiva (Nos-Aldás, 2019). Entendemos, também, que as imagens possuem o poder de criar o que a autora entende como emoções mobilizadoras (empatias, modos de empoderamento, indignação e compaixão), para proporcionar ações materiais a ser realizadas pelos espectadores.

Podemos pensar isso pois muitas formas de operar imagens transgressoras estão relacionadas às representações corpóreas, principalmente ao corpo da mulher, o corpo feminino, e entendemos aqui, todos os corpos marginalizados. É importante destacar que a comunicação transgressora é abordada nas imagens desses trabalhos, para além dos corpos trans, há um distanciamento de estereótipos. O objetivo é observar os modos como podemos observar a vivência trans e seu percurso por diversas camadas transgressoras, as quais também estão ligadas a modos de superação, tanto da experiência em sociedade, quanto a atos de resistência ligados ao *status quo*.

Por esse motivo é que olhamos para as imagens dessas obras audiovisuais em dois sentidos: superação e sensibilidade (transgressão e sensorialidade). Isso porque as narrativas desses trabalhos reforçam,

através das duas noções, o quanto a comunicação transgressora é importante para criar os processos de indignação e a experiência sensível por causar uma intimidade. Como alude Eloísa Nos-Aldás (2019), “os processos comunicativos de sensibilização são sensivelmente racionais e racionalmente sentimentais” (Nos-Aldás, 2019, p. 99, tradução nossa⁵). Juntos, os dois eixos podem atuar como uma potencialidade para tais mudanças de percepção e construir imaginários sensíveis e igualitários.

Considerações para os estudos de paz: potencialidades sensoriais das imagens audiovisuais

No livro *Critical peace and conflict studies: feminist interventions* (2019), Laura Mcleod e Maria O'Reilly destacam a relevância da perspectiva da ciência feminista para os estudos de paz e como eles propõem novas visões e componentes para se pensar a diminuição da violência e novas configurações culturais a partir da paz. Entre os elementos específicos encontrados nesse estudo de EPP, há um destaque para perspectiva da sensorialidade

5 Texto original: “los procesos comunicativos de sensibilización son sensiblemente racionales y racionalmente sentimentales”.

(incorporação, experiência e percepções sensoriais) como um elemento constituinte para a busca de paz e em sua discussão intelectual sobre a paz.

Na ótica de Laura Mcleod e Maria O'Reilly (2019), a sensorialidade é importante, pois não existe experiência humana sem os sentidos, “não podemos conhecer o mundo sem ver, ouvir, tocar, cheirar ou provar” (Mcleod; O'reilly, 2019, p. 140). A própria dialógica comunica noções sensoriais, como o cuidado, que nos dá a noção de toque e o cheiro nos remete à paz ou à morte (Mcleod; O'reilly, 2019). Nesse sentido, pensar a sensorialidade, principalmente nos discursos ou experiências imagéticas de violência e não violência, é importante para refletir de como a afetação dos sujeitos são importantes para a construção da paz internacional nos mais diversos temas e conflitos.

A sensorialidade possui um envolvimento intrínseco ao político, pois é através das vivências em sociedade que podemos pensar as noções pessoais da experiência, ambas estão relacionadas a vida cotidiana e a relação dos sujeitos com a cultura. Compreender os sentidos e a relação entre o corpo e experiência expande e cria novas potencialidades para pensarmos as transformações para a paz, ou seja, em suas palavras, “uma perspectiva feminista sobre a corporeidade nos permite pensar sobre como os corpos têm a capacidade de estender as estruturas que os contêm” (Mcleod; O'reilly, 2019, p. 140).

A reflexão que as autoras proporcionam estão relacionadas à importância da antropologia em entender as transformações da sociedade e como suas estruturas podem ser afetadas pelas relações humanas. Em destaque, a teoria da antropologia dos sentidos de David Le Breton (2021) destaca a sensorialidade como um fenômeno indispensável para se pensar em tais estruturas sociais. Esse pensamento reafirma a teoria de Mcleod e O'Reilly (2019), em que a sensorialidade é uma potencialidade para as mudanças em estruturas de violências para dispositivos de paz.

Nos estudos do antropólogo, constatamos que as noções sensoriais são de extrema importância para compreender as diferenças entre comunidades. A sensorialidade tem uma relação intrínseca com a cultura em que o sujeito está inserido e por isso a sociedade, a política e educação são responsáveis por construir as noções sensoriais de cada indivíduo. Le Breton (2021) explica, mediante uma análise de diversas sociedades, que cada sujeito constitui sua sensorialidade e como ela é responsável, também, por tecer um elo entre o “eu e o mundo” (Le Breton, 2021).

As noções sensíveis são nossa primeira relação durante uma experiência, é através delas que podemos tecer uma relação ideológica com um objeto e com o mundo. Nesse sentido, considerar o sensório é essencial para explorar de maneira mais abrangente os estudos e as epistemologias da cultura, sendo assim os estudos para paz, como elucidam Mcleod e O'Reilly (2019). Na ótica de uma análise da cultura pautada no sensório, observamos que a experiência sensorial também é responsável por tecer novas transformações exatamente por ter essa relação constituída na cultura:

Sentir o mundo é uma outra maneira de pensá-lo, de transformá-lo de sensível em inteligível. O mundo sensível é a tradução em termos sociais, culturais e pessoais de uma

realidade outramente inacessível senão por este subterfúgio de uma percepção sensorial do homem inscrito em uma trama social. (Le Breton, 2021, p. 29).

Embora Laura Mcleod e Maria O'Reilly (2019) salientem que nem todos os estudos feministas para paz consideram a sensorialidade como elemento de discussão, sabemos que alguns estudos contemporâneos do cinema possuem uma abordagem em um diálogo feminista e, principalmente, focalizam as noções sensoriais como peças-chave para a relação de transformação através da relação do espectador com a imagem. Podemos observar através dos estudos do cinema e mídias de Laura U. Marks (2000), Jennifer Baker (2009) e Vivian Sobchack (2004) que ambas entendem a sensorialidade como uma potencialidade para além do cinema: ela possui o poder de constituir uma relação com a cultura e proporcionar transformações na sociedade através da experiência cinematográfica.

Nos minutos iniciais de *Lado Selvagem* (2004), observamos as imagens do corpo nu de Stéphanie. Cada quadro apresenta um elemento corpóreo em *close-up*, exatamente para estabelecer essa relação entre o espectador e este corpo.

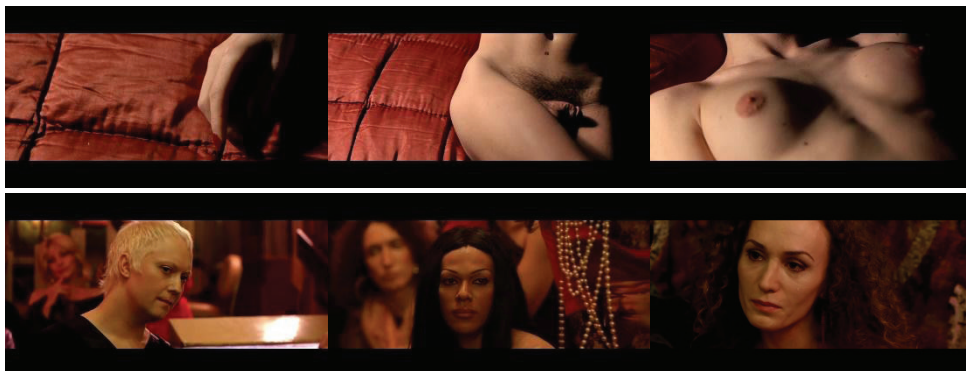
Nos minutos iniciais de *Lado Selvagem* (2004), observamos as imagens do corpo nu de Stéphanie. Cada quadro apresenta um elemento corpóreo em *close-up*, exatamente para estabelecer essa relação entre o espectador e este corpo. O som extradiegético da música *I Fell in Love With a Dead Boy*⁶, da cantora trans britânica Anohni, transporta o espectador ao “corpo do garoto morto”, metáfora utilizada pela letra da música. Stéphanie não é um garoto e sim uma garota. A cena seguinte manifesta a própria artista em cena cantando a música para várias mulheres transexuais em um bar, cada rosto é estampado em *close-up* na tela, recurso que possui grande relação com as noções de intimidade entre espectador e imagem. E essas audiovisualidades passam a operar como uma potencialidade, causam estados de afetação tão importantes para

constituir novos imaginários sobre esses corpos e essas mulheres: ao observar aquele corpo e tais rostos os sentidos afloram.

Ao mesmo tempo que essa sequência emprega elementos de grande sensorialidade, ela trabalha as noções transgressoras, por apresentar cada nuance de um corpo trans nu. Toda a audiovisualidade manifesta, nessa sequência, uma nuance entre o sensível e o transgressor. Pensando nas diretrizes transgressoras de comunicar para paz em contraponto com o íntimo e sensível desses corpos, podemos refletir sobre os processos de afeto e afetação, em que certos valores culturais podem ser ver a margem de novos entendimentos.

⁶ Trecho da letra da música, tradução própria: Agora vou contar pra todos os meus amigos, que me apaixonei por um garoto morto. Agora vou contar pra toda minha família que eu queria que eles tivessem conhecido ele [...] eu me apaixonei por um garoto morto, oh, um lindo garoto. Estou perguntando... você é um garoto ou uma garota?. Disponível em: <https://www.letras.com/antony-and-the-johnsons/367241/>.

Figura 1 - Corpo e canção.



Frames de *Lado Selvagem* (2004) dirigido por Sébastien Lifshitz.

Laura U. Marks (2000), Jennifer Baker (2009) e Vivian Sobchack (2004) exploram esses estados de afetação entre espectador e imagem como um caminho para as transformações da cultura. A sensorialidade é essencial para estabelecer uma relação mais íntima entre espectador e imagem, de modo que tais sensações possam ser responsáveis por constituir, também, seus processos racionais, posteriores, sobre o conteúdo tratado na imagem. Laura U. Marks (2000) e Jennifer Baker (2009) discutem a totalidade da imagem como um desses processos, como se o espectador conseguisse “tocar a imagem” através dos sentidos, promovendo uma relação mais intensa com o filme, os discursos e a materialidade expressa na imagem. Além de um processo da experiência sensorial, as noções táteis e a sensorialidade possuem uma grande importância para tecer a relação do espectador com o filme, pois a “experiência tátil e as atitudes culturais específicas estão íntima e complexamente relacionadas” (Baker, 2009, p. 53, tradução nossa⁷). É por esse motivo que as imagens audiovisuais são tão importantes para constituir novos imaginários, porque a experiência sensorial está tecendo novas formas de os sujeitos se relacionarem com o mundo (Marks, 2000).

No estudo *Carnal Thoughts: Embodiment and Moving Image Culture*, Vivian Sobchack (2004) explica a importância de pensar a sensorialidade e os efeitos da cultura em conjunto. A maneira como sentimos, vivemos diariamente ou experienciamos as coisas está relacionada a nossa formação cultural e assim, intrínseca a nossa existência. Nossas experiências e percepções estão ligadas a sistemas culturais, sociais e históricos que medeiam a forma que observamos o mundo e que somos no mundo (Sobchack, 2004). É por isso que em uma sociedade tão desigual, podemos ter as imagens audiovisuais e nossas novas percepções como passagens para novos imaginários culturais. Esses trabalhos passam a ser responsáveis por modular nossa percepção e nossa expressão, porque estamos envolvidos em uma trama social. Ela diz:

⁷ Texto original: “Tactile experience and specific cultural attitudes are intimately and complexly related”.

Cada tecnologia não apenas medeia de forma diferente nossas figurações da existência corporal, mas também as constitui. Ou seja, cada um oferece aos nossos corpos vividos formas radicalmente diferentes de “estar-no-mundo”. Cada um nos implica em diferentes estruturas de investimento material e, porque cada um tem uma afinidade particular com diferentes funções, formas e conteúdos culturais, cada um nos estimula através de diferentes modos de apresentação e representação a diferentes respostas estéticas e responsabilidades éticas. À medida que nossas formas estéticas e representações da “realidade” se tornam externamente realizadas e depois perturbadas, primeiro pela fotografia, depois pelo cinema e, agora, pela mídia eletrônica, nossos valores e critérios avaliativos do que conta em nossas vidas também são perturbados e transformados (Sobchack, 2004, p. 136, tradução nossa⁸).

Cada um nos implica diferentes estruturas de investimento material e, porque cada um tem uma afinidade particular com diferentes funções, formas e conteúdos culturais, cada um nos estimula através de diferentes modos de apresentação e representação a diferentes respostas estéticas e responsabilidades éticas.

Nessa perspectiva, *Lado Selvagem* (2004) contribui com os pensamentos de indignação, pois representa diversas camadas da violência cultural direcionadas às pessoas transexuais. É um filme que denuncia a exposição das mulheres transexuais e trabalhadoras do sexo e mostra como estão sujeitas a violência e a exposição nas ruas. Fica evidente que esse é um problema cultural e institucional, responsável por marginalizar essas pessoas, não instituir políticas públicas e constituir um imaginário coletivo que é separatista, doloroso e violento.

Além disso, o filme é responsável por denunciar como a família é um eixo importante para a constituição da pessoa transexual na sociedade, apresentada pela relação violenta que Stéphanie tem com sua mãe, que não aceita sua identidade de gênero e pratica várias violências contra a filha. O filme também nos apresenta as problemáticas sociais relacionadas aos fluxos migratórios, quando representa vários imigrantes trabalhando como acompanhantes para poderem ter direito a moradia e alimentação, que embora não constitua na imagem imaginários mais igualitários como no cinema intercultural⁹ (Santos;

8 Texto original: “Each technology not only differently mediates our figurations of bodily existence but also constitutes them. That is, each offers our lived bodies radically different ways of “being-in-the-world.” Each implicates us in different structures of material investment, and – because each has a particular affinity with different cultural functions, forms, and contents – each stimulates us through differing modes of presentation and representation to different aesthetic responses and ethical responsibilities. As our aesthetic forms and representations of “reality” become externally realized and then unsettled first by photography, then cinema, and now electronic media, our values and evaluative criteria of what counts in our lives are also unsettled and transformed”.

9 Para Célia Santos e André Medeiros (2018), o cinema intercultural é responsável por trabalhar imaginários, através das imagens, menos violentos e mais inclusivos. Por exemplo, representar realidades marginalizadas em uma perspectiva focada em uma proposta narrativa de paz e não em seu cerne violento.

Medeiros, 2018), faz das imagens intensas um espaço de indignação cultural. *Lado Selvagem* (2004) é uma obra audiovisual responsável por ocasionar o espectador diversas emoções morais e, através das sensorialidades, colocar as imagens transgressoras em um outro lugar, em um espaço de indignação, reflexão ideológica e de ação social.

Cultura e sensorialidade: construindo novos imaginários

No percurso final de *Veneno* (2020), é possível observar o trágico falecimento de Cristina, após uma suposta queda que gerou um traumatismo craniano (em uma investigação negligenciada até os dias de hoje, devido ao relacionamento conturbado com seu companheiro¹⁰). A figura de Cristina sempre foi responsável por contradições, no sentido de muitos jornalistas alegarem que vários dos relatos de sua vida eram criações e ilusões que ela não viveu realmente. Esse debate é recontextualizado pelos roteiristas da série em criar uma perspectiva menos violenta e deslegitimadora de *La Veneno*, mesmo que estejamos falando em um contexto de seu falecimento. Uma cena simbólica, presente no episódio oito, intitulado de *Veneno's Three Funerals*, apresenta de forma afetiva esse momento trágico: Valéria (Lola Rodríguez), responsável por escrever a biografia de Cristina, encontra o espírito no apartamento vazio ambas tecem um diálogo.

Diante de toda a violência e a transfobia vivida por Cristina durante a narrativa da série, deparamos com a construção de um novo imaginário de paz e afeto, criado por Valéria. Isso porque, durante toda a sua vida, *La Veneno* sofreu todo tipo de violência (física, moral, familiar, social, institucional). Seu desejo era ser cremada e que suas cinzas fossem lançadas entre as árvores do *Parque del Oeste* em Madri, onde trabalhou e foi descoberta pela TV espanhola. Nesse diálogo, Valéria conta ao espírito que assim se fez, e que todas as pessoas importantes da sua vida estavam lá, como demonstração de admiração e afeto: a família, as amigas, os profissionais da TV, os homens com quem Cristina se relacionou. Além de uma estratégia narrativa de inserir todos os personagens da série em uma cena, foi uma forma sensível de recontar a história do falecimento de Cristina, já que legitimamente apenas duas pessoas estavam no parque para realizar seu desejo, um de seus irmãos e a sua esposa (cena apresentada posteriormente).

Nesse sentido, a narrativa utiliza dos discursos de paz, em relação ao que Manuela Mesa et al. (2013) entende como resiliência para superar as violências sofridas. No enfoque da mulher, esses modos de superação são formas de recuperar dados e colocar a “dor sofrida” em um lugar de mais amor e menos ódio (Mesa et al., 2013). Este recurso audiovisual de apresentar o fim da vida de Cristina problematiza as imagens violentas e proporciona discursos de paz. Algo como, “essa seria a vida de *La Veneno* se não vivesse em uma sociedade excessivamente transfóbica, intolerante e violenta”.

10 Debate inserido como plano de fundo na minissérie sem juízo de valores.

Figura 2 - Recontando a história das cinzas.



Frames de "Veneno" (2020) dirigido por Javier Ambrossi e Javier Calvo.

Manuela Mesa (2013), como discutimos, descreve que a busca feminina pela paz, passa por uma camada de subversão e transgressão, e por uma série de valores para elucidar como podemos transformar dor e violência em paz através da superação e do próprio ato de resistência (que passa pela transgressão). Esses valores são de extrema importância para entendermos a vida de mulheres transexuais e entender suas representações nas obras audiovisuais para pensar a construção de novos imaginários sociais. Vários desses valores estão pautados nos afetos, responsáveis por, através das emoções e das relações sensoriais com tais imagens, que como dizemos, proporcionar estados de afetação em que o sujeito fica à margem de tecer novos olhares a respeito do lugar dessas mulheres na cultura. A paz feminina, que aqui enquadraremos aos femininos plurais, é significativa, porque:

A partir da observação da prática da paz feminina, revela-se o não cisma entre a causa, a vida e as pessoas. Eles não defendem "salvar o mundo" acima daqueles que constituem esse mundo. São capazes de estabelecer vínculos afetivos, vínculos que os ligam aos outros, cuidando a partir da empatia e da alteridade. (Mesa et al, 2013, p. 55, tradução própria¹¹).

Construir e trabalhar novos modos de representação das mulheres trans em outras audiovisuais é uma responsabilidade dos realizadores ao encarar que seus trabalhos possuem uma importância social e cultural, que podem criar relações de alteridade e empatia, e, através delas, estabelecer novos imaginários, cuja intenção é diminuir a violência que essas mulheres sofrem na sociedade em que vivemos.

Esse é um exemplo de contexto de como a narrativa de paz é constituída como uma nova forma de contar histórias. Porém, esse não é o único momento em que a minissérie aborda

11 Texto original: "De la observación de la práctica de la paz de las mujeres se desvela la no escisión entre la causa, la vida y las personas. No defienden "salvar el mundo" por encima de quienes constituyen ese mundo. Son capaces de establecer vínculos afectivos, lazos que las conectan a otras y otros, cuidando desde la empatía y la alteridade".

a vivência trans de forma sensível. Existe um foco importante em como são as relações na comunidade trans, pautadas em muito carinho, acolhimento e cumplicidade. Essas cenas são focadas, principalmente, nas relações entre Cristina, Paca e Valeria. Uma relação que demonstra um fortalecimento da comunidade trans em busca de mudança, direitos sociais e menos violência na sociedade. Como cita Vivian Sobchack (2004) às corporeidades plurais, “nossos corpos são nós mesmos: não são coisas que nos aprisionam, como sugere o sujeito em meu cartão-postal, mas, por mais finitos, situados e delimitados, são modos de acesso e capacidades que nos possibilitam” (Sobchack, 2004, p. 190, tradução própria¹²).

A maneira como a minissérie constitui vivências reais consegue, ao mesmo tempo que é transgressora, também apresenta experiências comuns de pessoas trans para fortalecer a intimidade do espectador com a imagem e com aqueles corpos representados. Essa narrativa é essencial para constituir novos imaginários sociais sobre comunidades marginalizadas e também, através das sensações, ocasionar a intimidade e as emoções morais, como discutimos. É através de nossos corpos e desses processos que novas realidades sociais podem se tornar possíveis e mais justas.

Conclusão

Diante disso, é oportuno destacar o pensamento de David Le Breton (2021): “toda percepção é uma moral, ou, em termos imediatos, uma visão de mundo [...] ver, é pôr a prova o real através de um prisma social e cultural de um sistema de interpretação que carrega a marca da história pessoal de um indivíduo imerso em uma trama social e cultural” (Le Breton, 2021, p. 94). Nessa lógica, ver, sentir e pensar moralmente realidades tão distintas das nossas torna-se um caminho para uma proximidade e um julgamento moral sobre o outro. Pensar sobre isso é importante para entender além de nossos próprios corpos e nossas próprias vivências.

É importante destacar que a presente abordagem debruçou-se em entender elementos narrativos que potencializam o afeto e a experiência sensível, levando em consideração duas obras audiovisuais em suas perspectivas eurocentradas. Sabemos que a realidade das vivências transexuais na América-Latina nos encaminha em maior escala para as nuances da violência. Porém, o objetivo dessa investigação foi pensar a estética do sensível como dispositivo de transformação do entendimento do corpo trans em uma matriz intercultural, considerando assim alguns elementos base da vivência trans, mas compreendendo a existência de múltiplas dissonâncias.

Focalizou-se nos elementos audiovisuais responsáveis por criar novas dimensões para se pensar o estético-político, tendo em vista que a experiência é determinante para o entendimento do indivíduo na esfera social e cultural em que vive, podendo, assim, refletir em virtude da experiência como meio de transformação dos sujeitos, tão importante para os pensamentos da recepção e dos desdobramentos dos sentidos em uma esfera social. Con-

12 Texto original: “Our bodies are ourselves: they are not things that trap us, as suggested by the fellow on my postcard; rather, however finite, situated, and delimited, they are modes of access and capacities that enable us”.

siderando que o entendimento dos indivíduos sobre o mundo e as “coisas do mundo” está em uma constante remodelação, no qual os valores e saberes culturais podem ser perder, podem operar em conjunto, e, até mesmo, se recriarem durante a remodelação da história (Marks, 2000).

Sendo assim, alguns dispositivos da percepção podem operar nas lacunas de remodelação e recriação da história e permitir pensarmos para além de nós mesmos e todas as ações então passam por nossos corpos. É imprescindível pensar em nossas vivências e corpos como dispositivos de ação e de força, porque é através deles que essas transformações podem tomar materialidade.

O foco de discussão sobre a sensorialidade e a comunicação transgressora na ótica audiovisual, na presente abordagem, nos permitiu compreender que as audiovisuais possuem o poder de tencionar as diversas sensações e o sentido de indignação no espectador, dois aspectos de extrema relevância para construir novos imaginários e caminhar para uma sociedade menos violenta, onde corpos trans são corpos, e um corpo é tão e somente um corpo cheio de vida e força de mudança.

Referências bibliográficas

BARKER, Jennifer M. **The tactile eye: Touch and the cinematic experience**. Los Angeles: Univ of California Press, 2009.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Transexualidades e mudanças discursivas. **Estudos de psicanálise**, n. 47, p. 83-89, 2017.

GALTUNG, Johan. Três formas de violência, três formas de paz. A paz, a guerra e a formação social indo-europeia. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, v. 71, p. 63-75, 2005.

LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

MARKS, Laura. **The Skin of the Film: Intercultural Cinema, Embodiment, and the Senses**. 1. ed. United States of America: Duke University Press, 2000.

MCLEOD, Laura; O'REILLY, Maria. Critical peace and conflict studies: feminist interventions. **Peacebuilding**, v. 7, n. 2, p. 127-145, 2019.

MEDEIROS, André Aparecido; DOS SANTOS, Célia Maria Retz Godoy. A atuação do cinema intercultural nos imaginários de naturalização da violência contra imigrantes. **Organicom**, v. 15, n. 28, p. 236-246, 2018.

MESA, Manuela; CANO, Laura Alonso; COUCEIRO, Elena. **Visibles y transgresoras**. Narrativas y propuestas visuales para la paz y la igualdad. Madrid: CEIPAZ, 2013.

NOS-ALDÁS, Eloisa. **Comunicación transgresora de cambio social**. Castelló: Publicacions de la Universitat Jaume I, 2019.

SOBCHACK, Vivian. **Carnal thoughts**: Embodiment and moving image culture. Los Angeles: Univ of California Press, 2004.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2003.

Filmografia

LADO selvagem. Direção: Sébastien Lifshitz. Produção: Gilles Sandoz. França, Bélgica, Reino Unido: Maïa Films, 2004.

VENENO. Direção: Javier Ambrossi; Javier Calvo; Mikel Rueda; Alex Rodrigo. Produção: Ignacio Corrales. Espanha: Atresmedia Studios; Suma Latina, 2020.

Data do recebimento: 29/10/2023

Data do aceite: 01/02/2024

Dados dos autores:

Vitória Garcia Galhardo

Mestra em Comunicação na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Bauru) e graduada em Produção Audiovisual nas Faculdades Integradas de Bauru. Pesquisadora sobre cinema e estética cinematográfica com foco nas correntes epistemológicas nos estudos das audiovisualidades. No escopo de exploração, investiga como o cinema pode potencializar as apresentações corpóreas na imagem, junto aos seus discursos sexuais, transgressores e intimistas. É uma das participantes do grupo de pesquisa "NEX" - Núcleo de Estudos do Excesso nas Narrativas Audiovisuais (PPGCine/UFF).

